

1

70770
REY CLi0350
SIST. 59368

- 1- Reynaldo Moura
- 2- Meio de Semana
- 3- Correio do Povo
- 4- Crônica sobre os mortos
- 5- Porto Alegre
- 6- 12 de janeiro de 1950
- 7- número 87
- 8- seção - Arte e Literatura
- 9- bom
- 10- Amélia E. Rodrigues
- 11- 10 de maio de 1994

MEIO DE SEMANA

(Especial para o ("Correio do Povo") Reinaldo Moura

É possível que nesse local deserto entre o silêncio da noite e o marulho da enseada, o sonho daquele homem distante e desconhecido esteja deslizando como uma figura transparente. É possível também que alguém esteja pensando nos passos das multidões de outrora pelas calçadas, com rumores de mortos despertando de um mundo morto e durante um momento existindo na imaginação de algum desconhecido. Alguém que viu os inumeráveis pés da multidão e os imaginou na visão seccionada de um corte inferior, só os pés anônimos marchando pelas ruas da cidade em todos os tempos através dos séculos. A marcha sem nome do mundo, avançando pela eternidade. Por onde formos, por onde andarmos, onde estivermos, eles estarão conosco e nós fazemos parte também desse tropel tranquilo ou desesperado dos homens. Na solidão de cada insônia, quando a noite circula por nós como o zumbido do silêncio que ficou repetindo a fria umidade dos grilos, passeamos impalpáveis pelos locais desertos da cidade, visitamos as ruas tumbulares por onde os animais dos sonhos de outros andarão também invisíveis mas contribuindo para a densidade de todos os instantes na atmosfera permanente dos homens elas se quisermos, poderemos ouvir o eco das sombras, escutando esse arrastar de passos inumeráveis pelas calçadas da

solidão, e estaremos ouvindo os mortos, os passos dos mortos, como se a luz das horas remotas que os iluminou no seu momento voltasse agora na curva possibilidade de sua vibração veloz. E de repente passaríamos a sentir todo o espetáculo dos homens e do mundo como uma coisa sem sentido nenhum. Essas figuras de ontem e de hoje e de amanhã marcham do sempre pelo tempo, no ventre do tempo que os devora, como um cortejo azul de enigmas e marionetes. O trecho do planeta onde vivemos e outros, e outros, e o momento de outras cidades tão distantes, e a máscara de outras criaturas existindo ainda em cada memória. Qual a significação disso tudo?

Tantos mortos que já foram, tantos mortos ainda existindo no tempo fechado, que virão e serão chamados as gerações de amanhã. Nesse intervalo breve de atualidade, nossa vida nitida e avançando pelo desconhecido. Quando as portas da noite se abrem, a noite alonga pelas células dos homens, pelas colmeias de cimento, os tentáculos verdes, a mesma noite que abriu suas próprias portas, uma nova atmosfera onde muda o sentido da vida, mudam as coisas de máscara, um sono de cinza extingue a aparência das coisas, como fantasmas homens e coisas se alongam no corredor da noite, um rápido esplendor de alegria as vezes em outra dimensão, e o sonho se extingue muito, muito depois vem a desolada aurora.

Vem a rosa indecisa como um vapor de orvalho. Certas insonias escutam junto à aurora esses passos que vão pelas calçadas, no silêncio das ruas mortuarias noutra plano do tempo, noutra mundo. São os passos dos mortos, são rumores do tumulto perdido da memória, das multidões de outrora no misterio da hora morta, da hora antiga, naquele mesmo instante de outras vidas ao longo da cidade, no segredo entrevisto quando a noite pelas ruas desertas, lentamente empalidece ao longo da alvorada. Junto à submersão de um fim de insonia, esses passos antigos, na calçada.
